

REFLEXÕES SOBRE A MARGINALIZAÇÃO LITERÁRIA DO ESCRITOR AFRO-BRASILEIRO BRUNO DE MENEZES

Reflections on the literary marginalization of Afro-Brazilian writer Bruno de Menezes

Állan Sereja dos Santos¹

<http://orcid.org/0000-0001-7805-1877> 

Felipe dos Santos Matias¹

<http://orcid.org/0000-0002-6147-9612> 

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Foz do Iguaçu-PR, Brasil. 85870-650 – mestrado.ppglc@unila.edu.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de refletir sobre possíveis motivos acerca do apagamento e marginalização literária do escritor afro-brasileiro Bruno de Menezes (1893-1963). Para isso, realiza-se uma breve exposição da biografia e bibliografia do referido autor, listando alguns escritos literários e intelectuais produzidos por ele, dando destaque à obra *Batuque* (1931). O presente estudo também discute aspectos relacionados ao cânone e à historiografia literária brasileira, buscando evidenciar interferências destas instituições em um processo de visibilidade negada acerca de Menezes. Apesar da vasta produção literária e intelectual, do papel precursor em relação à estética modernista no Pará, e de ser uma importante voz da literatura afro-brasileira, Bruno de Menezes é marginalizado no contexto da literatura do Brasil. Pensar os aspectos que causam essa exclusão pode ser complexo, mas há algumas razões plausíveis, como o fato de Bruno ter sido um literato nortista-amazônico, negro, da periferia. Assim, as questões étnico-racial, geográfica e de classe poderiam ser entendidas como fatores que interferem na negação de visibilidade relacionada ao campo literário nacional. No que concerne ao referencial teórico-crítico utilizado na elaboração do trabalho, destacam-se as contribuições de Zahidé Muzart (1995), Eduardo Coutinho (1996), Aníbal Quijano (2005), Regina Dalcastagnè (2007), Edimilson Pereira (2010), José Fernandes (2010), Rodrigo Wanzeler (2018), entre outros.

Palavras-chave: Bruno de Menezes; Marginalização; Cânone literário; Historiografia literária brasileira.

Abstract: The aim of this article is to reflect on possible reasons for the erasure and literary marginalization of Afro-Brazilian writer Bruno de Menezes (1893-1963). To this end, a brief biography and bibliography of Bruno de Menezes is presented, listing some of his literary and intellectual writings and highlighting his work *Batuque* (1931). This study also discusses aspects related to the Brazilian literary canon and historiography, seeking to highlight the interference of these institutions in a process of denied visibility for Menezes. Despite his vast literary and intellectual output, his pioneering role in modernist aesthetics in Pará, and the fact that he is an important voice in Afro-Brazilian literature, Bruno de Menezes is marginalized in the context of Brazilian literature. Thinking about the aspects that cause this exclusion can be complex, but there are some plausible

reasons, such as the fact that Bruno was a northern-Amazonian, black writer from the periphery. Thus, ethnic-racial, geographical and class issues could be understood as factors that interfere with the denial of visibility in the national literary field. With regard to the theoretical-critical framework used in the preparation of the work, we highlight the contributions of Zahidé Muzart (1995), Eduardo Coutinho (1996), Aníbal Quijano (2005), Regina Dalcastagnè (2007), Edimilson Pereira (2010), José Fernandes (2010), Rodrigo Wanzeler (2018), among others.

Keywords: Bruno de Menezes; Marginalization; Literary canon; Brazilian literary historiography.

Introdução

O desconhecimento em relação a Bruno de Menezes é comum. Não se encontra o nome dele em muitas obras que abordam a historiografia da literatura brasileira, como, por exemplo, *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2015), e *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho (2004). Bruno de Menezes não aparece também em livros didáticos de circulação nacional, nem é mencionado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nas listas de obras obrigatórias de inúmeros vestibulares. Poucos são os críticos literários e pesquisadores de outras regiões distintas do Norte que realizaram algum estudo sobre ele. Sua obra de maior destaque, *Batuque* (1931), não é trabalhada, salvo raríssimas exceções, em cursos de graduação ou pós-graduação em Letras de universidades localizadas fora da região Norte do país. Bruno de Menezes e sua obra estão excluídos do cânone¹, da historiografia literária hegemônica e de muitos estudos realizados por acadêmicos e intelectuais notórios no Brasil. Essa exclusão, possivelmente, está relacionada ao fato dele ser um literato nortista-amazônico, negro, pobre, da periferia da capital paraense.

O cânone, a historiografia literária e muitos estudos acadêmicos, ao longo dos anos, são reflexos de uma perspectiva eurocêntrica e colonizadora. Em contraposição a esse *status quo*, é necessária a inclusão de vozes marginalizadas por um discurso dito oficial (colonialista/eurocentrado/branco/elitista). Algo que vem sendo possível devido à “desconstrução dos pilares em que se apoiavam os estudos literários tradicionais” e porque o “cânone ou cânones tradicionais não têm mais base de sustentação”, o que atinge a estrutura da historiografia, por exemplo (Coutinho, 1996, p. 70). Além disso, segundo Eduardo Coutinho, no meio acadêmico latino-americano percebe-se o desejo de edificar uma nova historiografia literária, que seja livre de “distorções tradicionais” (Coutinho, 1996, p. 72).

A partir dessa ótica, este artigo objetiva refletir sobre alguns possíveis motivos acerca do apagamento e marginalização do escritor afro-brasileiro Bruno de Menezes. Ademais, tem o intuito de expor, sucintamente, a biografia e a bibliografia do intelectual paraense, e de realizar uma discussão sobre o papel do cânone e da historiografia literária brasileira no

¹ Para Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 61), a palavra “cânone” provém do grego “*kánon*” e do latim “*canon*”, significando “regra” ou “vara de medir”, e foi utilizada inicialmente no âmbito religioso para se referir à forma de conduta moralmente “correta” assumida pelos primeiros cristãos. No século IV, segundo a autora, aparece um emprego distinto para o vocábulo, mais afim à aplicação posterior na literatura, a qual coloca a palavra “cânone” como um conjunto de textos percebidos como autênticos e inspirados por Deus, em sintonia com o julgamento dos líderes religiosos ocidentais.



processo de visibilidade negada² a Menezes. Para isso, divide-se este texto em duas partes.

Breve mergulho no rio meneziano

Bento Bruno de Menezes Costa nasceu em 21 de março de 1893, no bairro periférico Jurunas, na cidade de Belém (PA). Filho da paraense Maria Balbina da Conceição com o cearense Dionísio Cavalcante de Menezes, ele ficou mais conhecido como Bruno de Menezes. De acordo com Carolina Menezes de Brito Reis (2020), “Bruno” foi um pseudônimo³. *Brun* é radical germânico e significa “marrom, moreno”. Não se sabe a partir de quando ele passou a usar tal nome em seus documentos oficiais. Sobre o literato usar o nome “Bruno”, Rodrigo de Souza Wanzeler comenta que era perfeitamente compreensível tal escolha para um poeta preto engajado na causa negra. O pesquisador também expõe: “A repetição do fonema oclusivo bilabial sonoro /b/ traz intensidade ao nome do intelectual, uma sonoridade que converge com a forte musicalidade da cultura afro, a qual Bruno materializa em sua grande obra poética, o livro de poemas *Batuque*” (2018). Segundo Wanzeler, “na confluência dos nomes, Bento Bruno se torna o ‘preto abençoado’, mas que, em contrapartida, traz consigo a dura realidade da marca dos chicotes, do racismo e do preconceito vividos por seus antepassados” (Wanzeler, 2018, p. 42-43).

Viveu os primeiros anos de vida no período da *Belle Époque* belemense (1870-1910), resultado do Ciclo da Borracha, presenciando “a transformação física, social e econômica de Belém”, como aponta Marcos Reis (2012, p. 39). Segundo Alonso Rocha (1996), Bruno passou sua infância na estância “A Jaqueira”, no Jurunas, onde pôde presenciar e vivenciar aspectos do cenário sociocultural daquele bairro periférico da capital paraense. Após concluir o ensino primário, ele trabalhou em diferentes editoras, primeiro como aprendiz, depois como mestre de encadernação, sendo uma fase em que sofreu abusos trabalhistas, revoltando-se contra o sistema capitalista. Nesse período, teve contato com as obras de Liev Tolstói e Karl Marx, dentre outros, tornando-se um sindicalista simpatizante das ideias anarquistas, ministrando aulas na escola fundada pela Federação das Classes Trabalhadoras do Pará. De acordo com Alonso Rocha (1996), foi nesse momento que Menezes passou a assinar artigos na imprensa operária de Belém, em veículos de comunicação como *O Semeador*, *Voz do Trabalhador*, *Jornal do Povo*, entre outros. Além disso, ele realizou conferências sobre educação e política operária em sindicatos da cidade (Rocha, 1996, p. 40).

² Expressão em consonância com o pensamento de Paulo Jorge de Moraes Ferreira, que na tese de doutorado intitulada *Bruno de Menezes: Os tambores continuam rufando* (2016), argumenta que a visibilidade negada a Menezes corresponde ao processo de não querer ver, de recusa do reconhecimento ao intelectual afro-amazônico.

³ Além desse, De Brito Reis (2020, p. 20) cita outros pseudônimos: Karolo, Karolo Júnior e João Bocó, que eram usados, às vezes, na revista *Belém Nova*. No dossiê sobre Bruno de Menezes, da revista *Asas da Palavra* (1996, p. 20), encontramos também o pseudônimo João Baraúna.



Sobre essa faceta politizada de Bruno Menezes, Aldrin Moura de Figueiredo (2001) aponta que, por volta de 1913, Bruno lecionou na Escola Francisco Ferrer, oriunda da Federação das Classes Trabalhadoras do Pará. Foi como educador e sindicalista que Bruno iniciou a sua militância política. Nesse mesmo ano, Bruno realizou a sua primeira publicação poética, o soneto “O Operário”, no jornal *O Martelo*. Esse poema faz uma crítica à jornada de trabalho e à condição precária a que a classe trabalhadora estava submetida, conforme ilustra o fragmento a seguir:

Fatigado levanta-se o operário
Por haver trabalhado o dia inteiro;
E mesmo sem dirigir-se ao calvário
Do seu agro labor – o grande obreiro...

E, se acaso não chega por primeiro
Antecedendo da oficina o horário,
Se quiser para o almoço ter dinheiro
Tem de escutar de doestos um rosário...
(Menezes, 1913, p. 1)

Em 1920, Bruno publicou – de modo artesanal – o seu primeiro livro de poemas, *Crucifixo*, uma obra de teor simbolista que, segundo Aldrin Moura de Figueiredo, manifesta uma “visão introspectiva do universo, sob um ponto de vista pessoal, humano e terreno. As lutas sociais de sua experiência anarquista misturavam-se à trajetória de um Cristo também revolucionário, sofredor, rejeitado por suas ideias” (Figueiredo, 2001, p. 211-212). Desse modo, pode-se considerar que a condição socioeconômica, assim como a militância política de combate à exploração ocasionada pelo sistema capitalista, foram impulsionadores das primeiras produções literárias de Bruno de Menezes.

Ainda em 1920, o escritor afro-brasileiro lançou um importante soneto, “Arte Nova”, no qual expressa o seu desejo por uma nova arte, original, uma renovação estética: “Gloriosa um’Arte que os Ideais renova! – Razão da causa por que eu me requinto/ na extravagância de uma imagem nova!” (Menezes, 1993, p. 454). Neste início do século XX, surgiram na capital paraense dois grupos de literatos: Academia ao Ar Livre, formado por membros pertencentes à elite que se reuniam no Largo da Pólvora (atualmente, Praça da República), local do centro da cidade e fruto das transformações socioespaciais da *Belle Époque* no Pará; e Academia do Peixe Frito, liderada por Bruno de Menezes, constituída por jovens boêmios (a maioria oriundos das periferias da cidade e autodidatas) que se encontravam para falar de literatura e demais temáticas, em botecos do Mercado do Ver-O-Peso, onde tomavam cachaça e comiam peixe frito como tira-gosto, vivenciando o cotidiano daquele ambiente popular. Em 1921, esses dois grupos se uniram, formando a sociedade literária Associação dos Novos, que intercambiava ideias sobre uma inovação estética na literatura paraense (Figueiredo, 2001).

Em 15 de setembro de 1923, Bruno de Menezes fundou a revista *Belém Nova*, a qual circulou quinzenalmente, publicando escritos literários, reportagens sobre a cidade e



anúncios publicitários, até a data de 15 de abril de 1929. Esse periódico foi marcado pelo encontro dos velhos literatos, que apreciavam o passado de Belém e o Parnasianismo, com os novos escritores, os quais ressaltavam o seu tempo presente e desejavam uma renovação artística, como a Associação dos Novos. Essa revista não publicou apenas escritos dos intelectuais do Pará, visto que também houve a colaboração de escritores e artistas de outros estados brasileiros, como do Amazonas, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Figueiredo, 2001). Por ter sido o meio de publicação em que a Associação dos Novos produziu vários textos que disseminavam ideias de renovação, *Belém Nova* é considerada o espaço embrionário do Modernismo do Pará (Figueiredo, 2001; Coelho, 2003), o qual foi inaugurado no estado com a obra *Bailado Lunar* (1924), de Bruno de Menezes. Nesta coletânea de 18 poemas, percebe-se a mescla de uma estética modernista com a parnasiano-simbolista. Por conta disso, a crítica ficou dividida se a obra era modernista ou não, como comenta Figueiredo (2016, p. 150). Entretanto, os críticos paraenses, mais recentemente, consideram que se trata de uma obra em que se observa, pela primeira vez no Pará, o desabrochar de uma poética modernista (Coelho, 2003, p. 69).

Enquanto *Bailado Lunar* é considerada a obra inauguradora do Modernismo paraense, pelo fato de três poemas – “Passaste”; “As Chapeleirinhas”; e “Filmando” – manifestarem aspectos modernistas na temática abordada, *Batuque* (1931) é o texto literário que consolidou o Modernismo no Pará (Nunes, 2002). Tal obra surge pela primeira vez como a parte final do livro *Poesia*, que era constituído por poemas de obras lançadas anteriormente por Bruno de Menezes. A segunda edição da obra, publicada em 1939, surgiu como uma obra autônoma, não mais como parte de outra. Isso se deu por conta do contexto da época, onde Bruno era um dos artistas e intelectuais que estava engajado na luta em prol da religiosidade negra paraense, vítima de perseguições policiais e do Estado Novo de Getúlio Vargas. Santos e Furtado (2018) apontam algumas mudanças na segunda edição, como: exclusão de 2 poemas dos 12 que estavam na primeira; inclusão de mais 9 poemas, sendo que estes dialogam com a questão identitária afro-amazônica da obra; 2 poemas tiveram o nome modificado; o nome da artista negra estadunidense Josephina Backer foi suprimido do poema “Alma e ritmo da raça”; há uma atenção para o aspecto visual, pois foi inserido na capa uma ilustração do artista Garibaldi Brasil; e as cantigas populares, que compõem os poemas, passaram a ser acompanhadas por notações musicais.

A terceira edição de *Batuque* foi publicada em 1945; a quarta em 1953. Nesta reedição da década de 50, são inseridas ilustrações do artista Raymundo Vianna, as quais dialogam com os poemas da obra. Para Santos e Furtado (2018, p. 19), esses desenhos representam uma visualidade que retrata a “proposta modernista de experimentação vanguardista e vinculação com a cultura popular negra, mas que também recebia as reverberações das manifestações africanas utilizadas como matéria-prima pelas vanguardas artísticas na Europa”. Em 1966, é lançada a quinta edição de *Batuque*, sendo esta já uma edição póstuma, pois o literato faleceu em 02 de julho de 1963, em Manaus



(AM). Essa republicação dos anos 60 foi uma edição especial em comemoração aos 350 anos de Belém. Dezoito anos depois, em 1984, o Conselho Estadual de Cultura lançou a sexta edição. Em 2005, saiu a sétima edição, organizada pela família de Menezes com apoio da Unimed Belém, sendo que nesta reedição há melodias feitas pela filha do literato, Maria Lenora Menezes de Brito, com capa de Max Reis e Felipe Leitão (Asas da palavra, 2006, p. 12-19). A oitava edição foi publicada em 2015, pela família Menezes. Nessa última edição, diferente das demais, os poemas passaram a ser acompanhados por outras ilustrações, as de Biratan Porto. Além disso, foram acrescentados mais quatro poemas.

Entre a primeira e a quarta edição de *Batuque*, Bruno de Menezes publicou outras obras. Em 1937, o literato publicou o seu único estudo literário, *À margem do Cuia Pitinga*, que é uma análise sobre o livro de sonetos *Cuia Pitinga* (1936), do literato paraense e seu parceiro na Academia do peixe Frito, Jacques Flores. Em 1944, Bruno passou a ocupar a cadeira nº 32 da Academia Paraense de Letras e, no mesmo ano, tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará e na Comissão Paraense do Folclore. Em 1950, ele publicou a sua única novela, *Maria Dagmar*, que é uma narrativa sobre a vida de uma prostituta. Esta, segundo Aquino (2014), já havia sido publicada antes como folhetim em três partes, em 1924, na revista *Belém Nova* (exemplares nº 9, 10 e 11). Na década de 1950, é republicada em formato de livro, não dividida em capítulos, podendo ser vista como uma ampliação do texto lançado inicialmente na década de 1920.

Em 1953, Bruno de Menezes lançou a coletânea de poemas *Lua Sonâmbula*, onde há poemas tanto de teor mais clássico, como mais modernista (Rocha, 1996). Quatro anos depois, o literato publicou o romance *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*, com o qual recebeu o prêmio Estado do Pará. De acordo com Azevedo (1990, p. 158 *apud* Aquino, 2014, p. 15-16), esta obra foi escrita em 1939, todavia, foi publicada apenas em 1954. O romance contém 23 capítulos, divididos em 2 partes. Narra a história de uma família de nordestinos que foge da seca do interior do Ceará e migra para o Pará – visto como o local da salvação –, onde passa a habitar e trabalhar em uma colônia agrícola na cidade de Bragança, na qual será mão de obra explorada. Ainda na década de 50, Bruno publicou *Poemas para Fortaleza* (1957), livro de poemas de versos livres, e dois estudos sobre a cultura popular, *Boi Bumbá - Auto Popular* (1958) e *São Benedito da Praia: Folclore do Ver-O-Peso* (1959), os quais se constituem como estudos sobre as manifestações populares afro-amazônicas, evidenciando o viés pesquisador do escritor, faceta que foi essencial nas suas produções poéticas. Em 1960, publicou sua última obra, *Onze Sonetos*, com a qual ganhou o prêmio Cidade São Jorge de Ilhéus, como o 1º colocado no Concurso Literário da Academia de Letras de Ilhéus.

Ao se adentrar na cronologia de parte da vida e das principais obras de Bruno de Menezes, percebe-se como a sua condição socioeconômica e as identidades que o atravessavam (afro-amazônico da periferia urbana) contribuíram para a realização dos seus estudos culturais-artísticos sobre a região e suas produções literárias. Fernandes (2010) aponta que essa condição periférica de Bruno, possivelmente, fez com que ele assumisse



um entre-lugar literário e cultural da outra Belém, oposta à Belém europeizada pela *Belle Époque*, o lugar da produção que representa o movimento modernista instaurado na cidade pela “Geração de 20 do Modernismo paraense” ou “geração do Peixe-Frito”, os quais trouxeram a periferia, suas manifestações culturais e o seu povo para os seus poemas. Desse modo, Bruno de Menezes faz com que o seu lugar de origem e de vivências seja um “outro lugar de enunciação que estatui uma nova forma de ver e de dizer, somando a borda ao núcleo” (Fernandes, 2010, p. 222-223). O literato faz a literatura soar de um local que não é o centro – o que sempre teve voz e é uma continuidade do pensamento colonizador –, expressando a voz da margem, que subverte o hegemônico ao assumir o fazer literário, pelo qual traz algo novo: a perspectiva dos excluídos.

Como visto na cronologia das principais obras de Bruno de Menezes, ele foi um literato que caminhou por distintas estéticas (simbolismo, parnasianismo e modernismo) e gêneros discursivos (poema, romance, novela, ensaio, manifesto), não produzindo apenas literatura, mas também realizando estudos críticos e culturais, preservando o popular em relação ao aspecto afro-amazônico, em registros escritos literários e não-literários, construindo uma espécie de arquivo sobre a população negra, amazônica e da periferia de meados do século XX. Menezes configurou-se como um representante do movimento modernista na/da Amazônia brasileira, assim como um precursor da renovação estética no estado nortista-amazônico, reunindo sociedades literárias em prol de uma inovação literária modernista. Apesar disso, ele foi sendo esquecido e marginalizado pelo cânone e historiografia literária ao longo do tempo, sendo pouco conhecido fora do Pará.

Mesmo com sua importância histórica, seu percurso intelectual como crítico e “literato-etnógrafo” (Wanzeler, 2018), Bruno de Menezes ainda não tem o reconhecimento merecido, não compatível com a sua potencialidade e relevância na historiografia literária e na luta do povo negro⁴. Ainda que ele não seja totalmente desconhecido (como continuam sendo outros literatos, principalmente do Norte e Centro-Oeste do Brasil, oriundos da periferia, negros, mulheres, indígenas, LGBTQIAPN+) – graças ao esforço dos familiares do literato, de alguns pesquisadores e críticos (na maioria do/no Pará) –, sua imagem permanece sofrendo certa negação de visibilidade, até quando se trata da historiografia da literatura afro-brasileira, aspecto que será abordado na próxima seção.

Bruno de Menezes, um literato marginalizado

Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (2015), no capítulo 4, intitulado “O Simbolismo”, cita somente o nome do paraense Flexa Ribeiro (sem detalhes)

⁴ No que concerne à luta histórica e contínua do povo negro, o pesquisador e folclorista paraense Vicente Salles (1931-2013), autor de diversos estudos dedicados a esse tema, faz a seguinte afirmação na obra *O negro no Pará, sob o regime da escravidão*: “Estava acabada a festa abolicionista. Mas a situação social do negro não se modificou da noite para o dia. As condições próprias do desenvolvimento da sociedade que se instalou de modo tão peculiar na Amazônia, criaram um sistema de servidão, paralelo ao do escravismo, que dificultava ou retardava as transformações básicas que se vinham operando na sociedade brasileira” (Salles, 1971, p. 312).

como um simbolista nortista (Bosi, 2015), mesmo Bruno de Menezes tendo escrito as obras *Crucifixo* e *Bailado Lunar*. No capítulo 8, “Tendências contemporâneas”, na parte “Permanência e transformação do regionalismo”, Bosi (2015), em um pequeno parágrafo, não menciona o nome de Bruno de Menezes, apenas cita o de alguns outros paraenses, como Abguar Bastos, Osvaldo Orico, Raimundo de Moraes e Dalcídio Jurandir, além de um rio-grandense-do-norte radicado no Pará, Peregrino Júnior. Vale pontuar que o capítulo 7, nomeado “Pré-Modernismo e Modernismo”, na parte “Grupos modernistas nos Estados”, não aponta nenhuma produção modernista do Norte, assim como nenhum do Centro-Oeste, apenas do Nordeste e, em relação ao Sul, Porto Alegre (Bosi, 2015).

Já em *A literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho (2004), no volume 4, quando trata do “regionalismo na ficção”, abordando a produção literária da e sobre a Amazônia, parte escrita por João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior, são citados vários literatos de distintas regiões, períodos e propostas estético-literárias, não só da amazônica, como de outras regiões brasileiras e até de Portugal. Menciona, por exemplo, Ramayana de Chevalier (AM), Francisco Galvão (AM), Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir, Eneida, Ildfonso Guimarães, Lindanor Celina (PA). Entretanto, o nome de Bruno de Menezes, assim como na obra de Bosi, não é sequer mencionado.

Zahidé Muzart (1995, p. 85) pontua que “só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões [RJ/SP/MG], pode frequentar determinados círculos de influência”⁵. A aceitação e, depois, a canonização, estão ligados com ações de sociabilidade e presença em regiões “centrais” de difusão artístico-cultural, o que não foi realizado por alguns literatos esquecidos (Muzart, 1995, p. 86), como Menezes. O literato negro fica fora de obras que abordam uma historiografia literária brasileira, porque a história da literatura do país, como ressalta Muzart (1995), é uma redução na qual sobressaem certos núcleos culturais que residem nas ditas áreas “centrais” do país. Bruno viveu, produziu e publicou no/a partir do Pará, que fica à margem dos grandes centros culturais do Brasil, apesar de ser um espaço de intensa atividade cultural.

Ainda em relação à falta de visibilidade literária interrelacionada ao espaço geográfico, não há como não se levar em consideração questões sócio-históricas e políticas acerca do afastamento da Amazônia do restante do país, fator que também interfere na marginalização de Bruno de Menezes e de suas obras. O professor e pesquisador Paulo Nunes argumenta que a região que hoje configura a Amazônia, sofreu, na era do Império português, um processo de anexação forçado que causou um ilhamento da região, não solucionado no decorrer do tempo, fazendo com que, simbolicamente, a Amazônia ficasse isolada na cultura brasileira. Isso se reflete na literatura, visto que a produção literária

⁵ Há que considerar, no entanto, que apesar de terem vivido nas localidades apontadas por Zahidé Muzart (1995), alguns escritores paraenses têm um reconhecimento restrito. Como exemplo disso, é possível mencionar os nomes de Inglês de Sousa (1853-1918) e de Dalcídio Jurandir (1909-1979). Ambos viveram longos períodos de suas vidas no Rio de Janeiro, publicaram uma numerosa e sólida obra literária, mas, mesmo assim, não têm o reconhecido mérito a nível nacional.

amazônica é silenciada em relação ao restante do país⁶ (Nunes, 2022). Assim, a literatura nortista-amazônica não chega à maior parte da população brasileira.

A questão étnico-racial também é um vetor que interfere e dita quem tem mais prestígio literário e está dentro do cânone nacional, assim como quem sofre com ações de apagamento e negação da visibilidade, ficando à margem da historiografia literária brasileira. O cânone literário foi legitimado a partir da escrita de sujeitos sociais privilegiados, corroborando abismos políticos e econômicos no aspecto cultural. Ou seja, o cânone da literatura do país surgiu valorizando manifestações literárias de procedência europeia, sendo focado na escrita. Sua concretude é associada à elite. Portanto, uma produção oral ou que se espelhava na oralidade, de herança cultural africana ou afrodescendente, não ingressou nessa perspectiva literária, sendo uma “reiteração dos mecanismos de marginalização impostos aos africanos escravizados e aos seus descendentes” (Pereira, 2010, p. 322).

A marginalização e o apagamento históricos da afro-literatura, o desinteresse da elite e a ausência de espaço para literatos negros ao longo do tempo, retrato do racismo sofrido pelos africanos escravizados e pelos seus descendentes no país, ajudam a explicar porque, “desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido” (Duarte, 2005, p. 113-114).

Apesar de todo o fazer literário-intelectual de Bruno e escritos/pesquisas acerca dele e de suas obras, o escritor continua não tendo o reconhecimento e a visibilidade que deveria ter, mesmo fazendo “da literatura um meio para apontar o estado de *apartheid* vivido pelas populações negras no Brasil” (Pereira, 2010, p. 325).

Bruno de Menezes e sua principal obra (*Batuque*) passaram despercebidos por diversos estudiosos da literatura brasileira⁷. Além de Alfredo Bosi (2015) e de Afrânio Coutinho (2004), Antonio Candido também não menciona, em nenhum de seus estudos, o nome de Menezes. Edimilson de Almeida Pereira, em *Panorama da literatura afro-brasileira* (1995), cita, em uma espécie de listagem, alguns literatos afro-brasileiros e suas obras, do século XVIII até o XX. O nome de Bruno de Menezes não aparece. Em *Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira* (2010), Pereira novamente não cita Menezes. Domicio Proença Filho, em *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004), também não menciona o nome de Bruno de Menezes.

De acordo com Regina Dalcastagnè (2007), a produção artístico-literária de pessoas

⁶ É válido destacar que a Amazônia brasileira (Amazônia Legal) é composta por Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. Quando se fala do silenciamento da Literatura Amazônica, refere-se mais à produção dos estados do Norte mais Mato Grosso, pois a produção maranhense tem uma visibilidade bem maior no cenário nacional, se comparada com as demais espacialidades amazônicas.

⁷ Deve-se ressaltar, entretanto, que há um grupo de estudiosos e pesquisadores que tem se dedicado a pesquisas e estudos relacionados à obra de Bruno de Menezes e de outros escritores e intelectuais paraenses, como Vicente Salles, Paulo Nunes, Aldrin Moura de Figueiredo, Carolina Menezes de Brito Reis, Rodrigo de Souza Wanzeler, Paulo Jorge de Moraes Ferreira, entre outros.

socioeconomicamente desfavorecidas e/ou da periferia/favela sofre marginalizações e censuras, porque a exclusão das classes populares é “um fenômeno comum a todos os espaços de produção de sentido na sociedade” (Dalcastagnè, 2007, p. 21). Dessa forma, pode-se dizer que Bruno de Menezes é excluído do cânone e das historiografias literárias brasileiras também por ter sido pobre e pelo seu local de origem corresponder à periferia de Belém. Uma das premissas que norteiam o cânone literário, como aponta Coutinho (1996, p. 70), é “a exclusão de uma produção literária vigorosa oriunda de grupos minoritários”. O capitalismo e a questão de classe social interferem na literatura canônica, a qual, como comenta Dalcastagnè (2007), é um espaço de produção de discurso excludente, formado, majoritariamente, por homens brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média e/ou elite. Em relação a Bruno de Menezes, o desconhecimento e a falta de visibilidade na esfera literária brasileira têm ligação com o fato de ele ser um literato marginalizado (pobre, negro e morador da periferia de uma grande cidade amazônica).

Eduardo Coutinho (1996) afirma que os cânones literários correspondentes aos países da América Latina foram formados a partir de critérios vindos de campos dominantes, originados por uma perspectiva europeia, primeiro ibérica (período colonial) e depois de outros países, como França e Inglaterra (período pós-independência política). A historiografia está relacionada, segundo Coutinho, com a periodização literária, que tem como base os movimentos europeus e norte-americanos, considerados como as raízes dos movimentos latino-americanos, ou seja, estes últimos são reduzidos a extensões ou adaptações dos primeiros. Já os estudos literários na América Latina, de acordo com o pesquisador, foram construídos a partir da Europa, tendo cravado em si um processo de colonização (Coutinho, 1996). Esses três aspectos apontados por Coutinho são reflexos do eurocentrismo na América Latina.

Nessa seara, Aníbal Quijano (2005) explica que o eurocentrismo é uma perspectiva de conhecimento que se formou em meados do século XVII, na Europa Ocidental, sendo hegemônica mundialmente nos períodos posteriores ao seu surgimento, e a sua instituição está correlacionada “à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América” (Quijano, 2005, p. 126). Assim, uma perspectiva europeia-ocidental, racista e burguesa do século XVII virou hegemônica, ao ser universalmente imposta, por meio do processo colonial, sob as demais racionalidades e epistemologias do mundo todo. O cânone, a historiografia e os estudos literários na América Latina, ao serem elaborados a partir do eurocentrismo, são marcados profundamente por uma ideologia dominante que impõe a literatura que está de acordo com os interesses de um grupo eurocêntrico, ocidental e burguês, sufocando o que for oposto. Para Eduardo Coutinho (1996), o eurocentrismo continua reverberando no campo literário latino-americano, dificultando a visibilidade de literatos como Bruno de Menezes, uma voz da margem subversiva que desnuda, por meio de sua obra artístico-intelectual, o sistema-



mundo colonial, eurocêntrico, racista e ocidental.

Considerações finais

Bruno de Menezes foi um literato com um vasto percurso de ações/produções intelectuais/estéticas significativas, que vão desde escritos não-literários – como textos jornalísticos, manifestos e ensaios sobre cultura popular afro-amazônica –, até um fazer literário, durante o período compreendido entre 1913 e 1960, publicando poemas, novela e romance, passando pela estética simbolista, parnasiana e modernista, sendo, desta última, um precursor no estado do Pará. Mesmo ele se constituindo como um exemplo de vanguardista que escreve a partir da região amazônica, representante da literatura afro-brasileira do século XX, poeta afro-diaspórico na América Latina, Bruno ainda não possui a visibilidade devida e é marginalizado pelo cânone e pela historiografia literária do país.

Pensar os aspectos que causam essa marginalização de Bruno de Menezes pode ser algo complexo, porém, levantou-se no presente artigo possíveis motivos em relação a isso. Primeiro, ele foi um literato negro em um país no qual a escravização de povos africanos durou mais de três séculos e o racismo continua presente e fortemente enraizado. A questão de classe e a condição socioeconômica também atravessam o apagamento de Bruno, o qual veio da periferia e não pertenceu à classe média ou à elite. A literatura da classe popular/periférica encontra barreiras para se propagar por conta do preconceito de classe, disseminado pela ideologia elitista. Tal ponto fica mais intensificado quando pensamos na questão geográfica, isto é, a literatura popular/periférica do Norte, da Amazônia brasileira, ainda mais marginalizada. O Norte não é uma região de prestígio artístico-cultural, é pouco conhecida pelo restante do Brasil e constitui parte da Amazônia, a qual é uma localidade isolada histórica e simbolicamente dentro do país e sob ela paira um imaginário exótico e distante da realidade.

Certos literatos, como Bruno de Menezes, são excluídos do cânone e apagados da historiografia e dos estudos literários em geral, porque estes foram edificadas a partir de um pensamento oriundo de uma ideologia eurocêntrica, ocidental, racista e burguesa, imposta na América Latina durante a colonização, e que ainda hoje é alimentada por um discurso dito oficial, marginalizando e dificultando a visibilidade de escritores como Bruno. Ao longo de sua trajetória intelectual, Menezes assumiu o seu lugar de enunciação (afro-amazônico da periferia) e trouxe para as suas obras (as quais foram um instrumento fundamental para ele se expressar e se contrapor ao discurso colonizador) a periferia de uma cidade amazônica e a sua cultura popular e afro-brasileira. Seus escritos não reproduzem uma visão europeia, branca e elitista, e isso, muito provavelmente, explica o processo de marginalização perpetrado em relação a ele.

Referências

AQUINO, Ana Cleide Guimbal de. **A prosa literária de Bruno de Menezes em perspectiva dialógica**. 2014. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua



Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/149215>. Acesso em: 23 out. 2023.

ASAS DA PALAVRA. Bruno de Menezes. **Asas da Palavra**, v. 10, n. 21, s/p, 2006. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/127>. Acesso em: 23 out. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952**. 2003. 291 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9806>. Acesso em: 23 out. 2023.

COUTINHO, Afrânio (org.). **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, n. 3, p. 67-73, 1996. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37>. Acesso em: 23 out. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 42, n. 4, p. 18-31, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>. Acesso em: 23 out. 2023.

DE BRITO REIS, Carolina Menezes. **Itinerário de Bruno de Menezes: poeta modernista de Belém do Pará (1893-1931)**. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14366/2/Dissertacao_ItinerarioBrunoMenezes.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005, p. 113-131. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Literatura,%20Pol%C3%ADtica,%20Identidades%20-%20Ensaios.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de Literatura Afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 23 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 23 out. 2023.



FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Negritude e crioulição em Bruno de Menezes. **Novos Cadernos NAEA**, v. 13, n. 2, p. 219-233, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/479/764>. Acesso em: 23 out. 2023.

FERREIRA, Paulo Jorge de Moraes. **Bruno de Menezes**: Os tambores continuam rufando. 2016. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15473/1/TESE%20Paulo%20Jorge%20de%20Moraes%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. 315 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/218808>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. De pinceis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 9, n. 2, p. 130-155, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22228/rt-f.v9i2.575>. Acesso em: 23 out. 2023.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Nossos intelectuais e os chefes de mandinga**: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). 2011. 231 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8602/1/Leal.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

MENEZES, Bruno de. O operário. **O Martelo**, Belém, p. 1, 01 maio 1913.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993. Disponível em: https://issuu.com/ufpadoisponzero/docs/obras_completas_de_bruno_de_menezes. Acesso em: 23 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 23 out. 2023.

NUNES, Paulo. Os brasis contidos no Brasil: A modernidade da Amazônia. **Revista Princípios**, n. 65, p. 68-72, 2002. Disponível em: <https://grabois.org.br/2002/05/01/os-brasis-contidos-no-brasil-a-modernidade-da-amaznia-2/>. Acesso em: 23 out. 2023.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Torres; COSTA, Alda Cristina. Narr'Amazônia: ser e estar nas narrativas do mundo. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, v. 3, n. 4, p. 01-23, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/1112>. Acesso em: 23 out. 2023.

NUNES, Paulo. A Semana de Arte Moderna e o debate sobre identidade e estética na Amazônia. **YouTube**, Canal Literatura PUC-SP, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=55Q2dN636Eo&t=4387s>. Acesso em: 23 out. 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo**, v. 18, n. 4, p. 1035-1040, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3298939>. Acesso em: 23 out. 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida; DAIBERT JÚNIOR, Roberto. (org.). **Depois, o Atlântico**: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010, p. 319-349.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 23 out. 2023.

QUEIROZ, José Francisco da Silva; PRESSLER, Gunter Karl. A Associação dos Novos e Imprensa de Belém a Serviço da Invenção do Modernismo Paraense. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, p. 808-815, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491259520.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

REIS, Marcos Valério Lima. **Entre poéticas e batuques**: trajetórias de Bruno de Menezes. Belém, 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2012. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/172hTQObNttQ2llyu_j_D4AXglSjhP8-e/view?pli=1. Acesso em: 23 out. 2023.

ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes. **Asas da Palavra**, v. 3, n. 2, p. 40-48, 1996. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/107>. Acesso em: 23 out. 2023.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/48>. Acesso em: 23 out. 2023.

SANTOS, Josiclei; FURTADO, Marli. Batuque, de Bruno de Menezes: obra poética modernista antecipando a negritude. **Littera**, n. 16, p. 16-31, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233150837.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

WANZELER, Rodrigo de Souza. **Peixe Frito, Santos e Batuques: Bruno de Menezes em Experiências Etnográficas**. 2018. 334 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Tese2017/TEXTO%20-%20TESE%20SITE.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

NOTAS DE AUTORIA

Állan Sereja dos Santos (allanserejapa@gmail.com) é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Licenciado em Letras - Português e suas Literaturas pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Felipe dos Santos Matias (felipe.matias@unila.edu.br) é Doutor em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com período sanduíche na Universidade de Coimbra (UC), Portugal. Docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de Mestrado.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SANTOS, Állan Sereja dos; MATIAS, Felipe dos Santos. Reflexões sobre a marginalização literária do escritor afro-brasileiro Bruno de Menezes. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-15, 2024.

Contribuição de autoria

Állan Sereja dos Santos: concepção, coleta e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão dos resultados.

Felipe dos Santos Matias: leitura e revisão, redação do manuscrito, discussão dos resultados.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 10/06/2023

Revisões requeridas em: 13/10/2023

Aprovado em: 24/03/2024

Publicado em: 20/05/2024

